



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE COMUNICAÇÃO, TURISMO E ARTES
CURSO DE LICENCIATURA EM MÚSICA**

ALMIRES GUILHERME DE MEDEIROS

**AS CONCEPÇÕES PEDAGÓGICAS DE REGENTES EM BANDAS
MARCIAIS EM JOÃO PESSOA/PB DURANTE A PANDEMIA**

JOÃO PESSOA, PB

2022

ALMIREZ GUILHERME DE MEDEIROS

**AS CONCEPÇÕES PEDAGÓGICAS DE REGENTES EM BANDAS
MARCIAIS EM JOÃO PESSOA/PB DURANTE A PANDEMIA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Centro de Comunicação, Turismo e Artes, da Universidade Federal da Paraíba, como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciado em Música.

Orientador: Dr. Fábio Henrique Gomes Ribeiro

Co-orientador: Me. Gutenberg de Lima Marques

JOÃO PESSOA, PB

2022

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

M488c Medeiros, Almiros Guilherme de.

As concepções pedagógicas de regentes em bandas
marciais em João Pessoa/PB durante a pandemia / Almiros
Guilherme de Medeiros. - João Pessoa, 2023.

53 f. : il.

Orientação: Fábio Henrique Gomes Ribeiro.

Coorientação: Gutenberg de Lima Marques.

TCC (Graduação) - UFPB/CCTA.

1. Música (Licenciatura) - TCC. 2. Música - Ensino
online - Pandemia. 3. Ensino Remoto Emergencial. 4.
Banda Marcial - João Pessoa, PB. I. Ribeiro, Fábio
Henrique Gomes. II. Marques, Gutenberg de Lima. III.
Título.

UFPB/CCTA

CDU 78:37(043.2)

ALMIREZ GUILHERME DE MEDEIROS

**AS CONCEPÇÕES DAS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS DE REGENTES EM
BANDAS MARCIAIS EM JOÃO PESSOA/PB DURANTE A PANDEMIA**

Trabalho de conclusão de curso apresentado como requisito para a obtenção do grau de Licenciado em Música - Habilitação em Trompete, Centro de Comunicação, Turismo e Artes, da Universidade Federal da Paraíba.

Aprovado em: 14 / 09 / 2022.

BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Fábio Henrique Gomes Ribeiro (orientador)

Universidade Federal da Paraíba

Documento assinado digitalmente
gov.br GUTENBERG DE LIMA MARQUES
Data: 21/11/2023 17:35:52-0300
Verifique em <https://validar.it.gov.br>

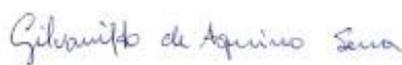
Prof. Me. Gutenberg de Lima Marques (co-orientador)

Universidade Federal da Paraíba



Prof.ª Dr. Juciane Araldi Beltrame (convidada interna)

Universidade Federal da Paraíba



Prof. Me. Gilvanildo de Aquino Sena (convidado externo)

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba

A vida do músico é uma vida de nômade. Vagamos por aí e às vezes passamos por casa. Dedico este trabalho acima de tudo aos meus pais por sempre me receberem em casa, de braços abertos, prontos para me dar um “xero” e me abençoar, não importando o quão longe eu tenha ido. Foi com eles que aprendi a trabalhar e ir cada vez mais longe e, por isso, dedico a eles essa conquista.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, pelas oportunidades de poder tentar, me permitindo tentar ser forte, tentar ser um amigo melhor, um filho melhor, um profissional melhor e uma pessoa melhor. Agradeço a Ele por pôr em minha vida pessoas boas, que muito me ajudaram nesses processos de tentativas.

Aos meus pais, Suelígia e Antônio, por todo apoio, me recebendo em casa sempre que precisei voltar e me abençoando sempre que precisei e/ou decidi partir. Sou grato a eles por todo o exemplo moral que me dão diariamente e por serem exemplos de força de vontade, exemplo que o trabalho é digno e que se vence carregando os princípios de força e trabalho.

Aos meus companheiros de apartamento, Guto e Sabrina, que foram e são pilares em minha vida e que muito me ensinaram e ensinam. A companhia de vocês é sempre maravilhosa.

À Isis, por dividir momentos de alegria e tristeza comigo, tendo muito me incentivado nesse processo tão trabalhoso de TCC. Seu apoio e convivência tem sido fundamental para mim.

Aos amigos Renato Gomes e Rannyere Souza, por todo o companheirismo e dias de estudo durante o período de pandemia, a amizade de vocês tem um valor imensurável.

À meu orientador e co-orientado, Fábio Ribeiro e Gutenberg Lima, por todas as orientações, ensinamentos e conselhos.

Aos mestros e amigos, Lourival Júnior e Rafael Amaro, que muito me ensinaram e assim continuam fazendo, sempre me incentivando e me dando conselhos para que eu possa trilhar um caminho melhor a cada dia.

Ao professor e amigo, Gilvanildo Sena, por sempre estar disposto a uma boa conversa, me orientando e aconselhando.

Aos amigos e colegas do curso de música, por dividir momentos maravilhosos e muitas aprendizagens durante as aulas, os concertos e os cafés.

Aos meus alunos da banda marcial Liliosa de Paiva Leite, que estão trilhando comigo momentos que nos fortalecem e nos impulsionam, sendo um dos motivos que me faz continuar a trajetória docente.

Aos coordenadores do curso de licenciatura em música, Vanildo Mousinho e Fábio Ribeiro, por toda a paciência comigo, todo o apoio e ensinamentos.

Aos professores do curso de licenciatura em música, por muito me ensinarem e me motivarem cada dia mais a seguir a área da docência, que tanto amo desempenhar.

As professoras Carla Pereira e Eliane Ribeiro pela orientação durante a Residência Pedagógica. Muito aprendi com vocês.

À CAPES, por todo o apoio aos estudantes, nos permitindo participar de vários projetos, no meu caso, o PIBID onde aprendi muito e posteriormente com a Residência Pedagógica onde tive também grandes aprendizagens.

“A excelência é a busca diária da perfeição e,
portanto, exige uma superação de si mesmo”

(Clóvis de Barros Filho)

RESUMO

O presente trabalho visa discutir as concepções pedagógicas de professores em bandas marciais durante o período de pandemia da COVID-19, entre os anos de 2020 e 2022. Para isso, foi conduzida uma pesquisa qualitativa baseada em entrevistas com dois professores de bandas marciais pertencentes ao projeto da Secretaria de Estado da Educação e da Ciência e Tecnologia e da Secretaria de Educação e Cultura de João Pessoa. As reflexões analíticas tomaram como base os estudos do campo da educação musical, fundamentalmente aqueles relacionados às bandas marciais e ao ensino remoto emergencial. De modo geral, os resultados apontam que o que os professores compreendem sobre as adversidades encontradas é que o motivo que os fizeram persistir durante este processo pedagógico foi a necessidade de dar suporte aos alunos e ajudá-los a passar por esse período, usando a banda para tal fim. Foi percebido ainda, em suas concepções, momentos desafiadores, mas que trouxeram benefícios em relação ao domínio no uso da internet e suas ferramentas. Após pesquisas, análises e reflexões compreende-se que os professores desenvolveram um trabalho social consistente, que mesmo com lacunas de conhecimento tecnológico, entenderam que as redes de conhecimento foram necessárias para o desenvolvimento dos trabalhos, no período vivenciado.

Palavras-chave: ensino online; ensino remoto emergencial; banda marcial.

ABSTRACT

The present work seeks to discuss the pedagogical conceptions of teachers in marching bands during the COVID-19 pandemic period, between the years 2020 and 2022. For this, a qualitative research was conducted based on interviews with two marching band teachers belonging to the project of the Secretary of State for Education and Science and Technology and the Secretary of Education and Culture of João Pessoa. The analytical reflections were based on studies in the field of music education, fundamentally those related to marching bands and emergency remote teaching. In general, the results indicate that what teachers understand about the adversities encountered is that the reason that made them persist during this pedagogical process was the need to support students and help them go through this period, using the band to that end. It was also perceived, in their conceptions, that they were challenging moments, but that brought benefits in relation to the domain in the use of the internet and its tools. After research, analysis and reflection, we can understand that teachers developed a consistent social work, that even with gaps in technological knowledge, they understood the needs of knowledge networks, necessary for the development of the works, in the lived period.

Keywords: online teaching; emergency remote teaching; martial bands.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	10
2	O ENSINO DE MÚSICA NO CONTEXTO DA PANDEMIA DE COVID-19	14
3	CONHECENDO O CAMPO DE ESTUDO - DIMENSÕES EMPÍRICAS E METODOLÓGICAS	19
4	EXPERIÊNCIAS E CONCEPÇÕES DE ENSINO NAS BANDAS ESTUDADAS NO CONTEXTO DA PANDEMIA DE COVID-19	24
4.1	Cenário e contexto	24
4.1.1	<i>Conhecendo as bandas</i>	24
4.1.2	<i>Pandemia e situações implicadas:</i>	26
4.1.3	<i>Início do Ensino Remoto Emergencial</i>	27
4.1.4	<i>Formações continuadas</i>	29
4.2	Experiências e práticas pedagógicas desenvolvidas	30
4.2.1	<i>Do ensino e vantagens do modelo</i>	30
4.2.2.	<i>O contexto online e fragilidades sociais</i>	32
4.2.3	<i>Referências para o processo pedagógico</i>	34
4.2.4	<i>Prática instrumental, exercícios, acompanhamento e orientação</i>	36
4.2.5	<i>Os meios e recursos utilizados</i>	37
4.3	Pontos de chegada e de futuro	40
4.3.1	<i>Resultados</i>	40
4.3.2	<i>Volta às aulas presenciais</i>	43
5.	CONSIDERAÇÕES FINAIS	45
	REFERÊNCIAS	48
	APÊNDICE	51

1. INTRODUÇÃO

O Estado da Paraíba vem desenvolvendo numerosos trabalhos com projetos de bandas marciais nos últimos anos, num cenário onde as bandas estão tomando destaques estaduais e nacionais (Nóbrega, 2018), de tal modo que é comum encontrá-las em várias esferas da educação, como escolas públicas e particulares. É possível destacar também os trabalhos desenvolvidos em Organizações não Governamentais (ONGs) e por professores de projetos das redes escolares, como forma de incentivar os seus alunos à prática musical.

Sendo considerada uma referência na cultura de bandas no país, através dos resultados nos concursos de bandas marciais, regionais e nacionais, a Paraíba conta com um projeto de inclusão das mesmas na rede escolar estadual através da Coordenação de Bandas Escolares (CBE), com cerca de 110 bandas, sendo 45 no município de João Pessoa, e aproximadamente 90 bandas em escolas da rede municipal de ensino através da Coordenação de Música da Secretaria de Educação e Cultura (SEDEC).

O universo de bandas marciais, como projeto socioeducativo, faz parte da cultura local e tem, assim, uma necessidade de vigência por atribuições que vão além do fazer musical. Vale salientar que muitos dos alunos que vivenciam as bandas têm ali uma experiência marcante em sua vida e em sua construção cidadã, como já apontado por Sena (2016). Estes estudantes têm contato com oportunidades e possibilidades de profissionalização, podendo adentrar no mercado de trabalho artístico, como professor de bandas, músico *performer* em concursos militares, em grupos/bandas e orquestras, *etc.*, podendo também ingressar em cursos de nível superior de música para dar continuidade aos estudos acadêmicos.

Ao abordar os pontos acima, destaco a necessidade de se pesquisar e compreender as práticas desenvolvidas nestes meios através do incentivo às pesquisas voltadas para bandas, como já vem sendo desenvolvido na área da Educação Musical (Nóbrega, 2018; Sena, 2016) podendo assim criar um diálogo entre os que atuam desenvolvendo tais atividades e a academia de modo geral, que contribuirão para o crescimento destes trabalhos.

Considerando que as atuações dos projetos de bandas são relevantes para a sociedade e que no contexto da pandemia o ensino de música, de modo geral, teve

que se recriar estabelecendo novas concepções de ensino, se torna necessário a compreensão de como este movimento de reinvenção do ensino de música tem se desenvolvido nas bandas marciais.

Embora haja uma concentração de pesquisas no universo desta prática (Mendonça, 2019; Santos, 2020; Silva, 2020), o fazer musical nas bandas marciais é um campo de estudo que possibilita identificar os caminhos da aprendizagem musical de pessoas que compõem várias classes da sociedade que, a partir dali, irão migrar para outras formações, campos de atuação dentro e fora da música e/ou retornar para o meio das bandas marciais como professores ou colaboradores.

Tendo minhas origens musicais nas bandas marciais da Escola Municipal de Ensino Fundamental (EMEF) Prof.^a Antônia do Socorro Silva Machado e na Banda Marcial Machado de Assis da Associação Cultural Eita Paraíba (ACEP), me coloco na responsabilidade de entender as práticas musicais do meio, através de pesquisas como esta, e assim poder fomentar e valorizar estes espaços musicais que tanto me possibilitaram aprender, me formando enquanto cidadão e profissional.

Observando tais aspectos, consigo perceber uma necessidade não só pessoal, mas também social, de pesquisar os meios de bandas marciais, uma vez que ao compreender suas características e seus processos educacionais, é possível que novos projetos se aperfeiçoem em tais práticas.

Desta maneira, também é dada a possibilidade de que os projetos já existentes como bandas, grupo de metais e grupos de música em geral, aprendam com tais propostas pedagógicas aplicadas pelos professores/maestros no contexto pesquisado.

Seguindo este pensamento, pesquisar a concepção dos professores de bandas marciais durante um período atípico para a humanidade, como uma pandemia, serve para enriquecer e fomentar os conhecimentos de toda uma classe como também da sociedade. Através de dados de como funcionou tal processo durante este período, poderemos nos guiar a partir de tal experiência em eventos semelhantes e/ou, caso necessário se faça, aprimorar o desenvolvimento dos processos futuros.

Logo, o problema base de pesquisa que guiou o processo investigativo foi: Quais as concepções de professores sobre suas experiências de ensino no contexto de ensino remoto durante o período de pandemia em duas bandas marciais escolares de João Pessoa? Assim, esse processo foi desenvolvido a partir de

questões mais pontuais, como: a atuação das bandas se dá em qual nível de ensino? Qual a faixa etária dos alunos? Como funcionou o ensino prático e teórico? Quais as referências utilizadas para o ensino e quais as ações formativas foram feitas para tal fim? Como aconteceram as práticas instrumentais: suas orientações e acompanhamento? Há que resultado esse trabalho chegou, no quesito de desenvolvimento? O que esperar nesse retorno ao presencial?

Todos os quesitos com suas subdivisões de questionamentos foram feitos a fim de colher um relato da prática acompanhado pelas concepções dos professores a respeito de tais práticas como pode ser acompanhado no apêndice deste trabalho.

O intuito de buscar tais pontos foi para alcançar o objetivo de compreender as concepções das práticas pedagógicas de professores de música em bandas marciais durante a pandemia, compreendendo assim o universo das bandas marciais em uma realidade diferente da habitual e podendo desta maneira contribuir para um enriquecimento nos conhecimentos para as concepções e práticas de ensino das bandas marciais.

A partir do problema de pesquisa discutido acima, a pesquisa teve como objetivo geral: Identificar e compreender as concepções de professores sobre suas experiências de ensino no contexto de ensino remoto durante o período de pandemia em duas bandas marciais escolares de João Pessoa. Os objetivos específicos foram: 1) Identificar as experiências de ensino e aprendizagem vivenciadas nos dois contextos; 2) Identificar as metodologias de ensino desenvolvidas; e 3) Identificar as concepções de ensino de banda marcial dos professores.

Para isso, foi conduzida uma pesquisa qualitativa baseada em entrevistas com dois professores de bandas marciais pertencentes aos projetos da Secretaria de Educação e Cultura de João Pessoa e da Coordenação de Bandas Escolares da Rede Estadual de Ensino da Paraíba. As reflexões analíticas tomaram como base os estudos do campo da educação musical, fundamentalmente aqueles relacionados às bandas marciais e ao ensino remoto emergencial.

As bandas marciais que serão abordadas aqui fazem parte de dois projetos situados no município de João Pessoa, um deles o projeto de bandas da Secretaria de Educação e Cultura Municipal e o outro da Coordenação de Bandas Escolares,

da rede Estadual de ensino. A primeira, aqui chamada de Banda A¹, atuando com o ensino fundamental e do Ensino de Jovens e Adultos (EJA) e a outra, Banda B, trabalhando com o Ensino Médio integral.

Os resultados da pesquisa estão apresentados nos três capítulos seguintes, além desta breve introdução e da conclusão destacada ao final. No capítulo 2 trago uma contextualização do universo da pandemia e o Ensino Remoto Emergencial, apresentando alguns contextos semelhantes, abordados por teóricos, trazendo o contexto do ensino de banda, do ensino remoto e o ensino de bandas no modelo remoto.

Seguido para o 4º capítulo, faço uma breve contextualização histórica sobre a origem das bandas, e algumas influências das que hoje conhecemos como bandas marciais. Apresento o contexto da pesquisa, descrevendo os projetos e as bandas as quais os professores que fizeram parte da pesquisa lecionam, como também abordo o processo das entrevistas em si.

No capítulo 4, trago as entrevistas dos professores, apresentando a partir das falas deles, os contextos e as situações as quais os mesmos estavam inseridos. A partir das falas, faço uma análise dos processos percorridos por eles, correlacionando com teórico, trazendo suas concepções, como eles influenciaram o processo de ensino-aprendizagem no modelo de Ensino Remoto Emergencial como também foram moldadas por eles.

¹ Tendo em mente os princípios éticos de pesquisas no campo da educação pública, e visando preservar a identidade, os nomes das bandas estudadas, tais como seus respectivos professores, serão omissos.

2. O ENSINO DE MÚSICA NO CONTEXTO DA PANDEMIA DE COVID-19

Através deste capítulo busco mostrar o ponto de vista de alguns teóricos a respeito dos assuntos abordados neste trabalho, como o universo de bandas marciais e o ensino remoto, apresentando perspectivas a respeito das práticas, teorias, problemas e as importâncias da pesquisa nestas áreas.

Não é de agora que a humanidade vem enfrentando surtos e epidemias de doenças variadas e altamente contagiosa e embora isso possa acontecer uma ou mais vezes ao longo dos séculos (Barata, 2020), a humanidade não pode simplesmente “cruzar os braços” e parar de fazer a “roda gigante” da vida girar.

Com isso, quando algo desta natureza acontece e não é conseguido obter a resolução de imediato, as autoridades competentes tomam medidas cabíveis para que a sociedade não entre em colapso e continue se movimentando. Neste período de pandemia por causa do COVID-19 não poderia ser diferente, principalmente em um momento da humanidade em que temos os meios de comunicação que nos permitem saber o que se acontece a todo instante em quase todos os locais do planeta.

Desta maneira, tomando os meios de comunicação em favor da sociedade, foi possível viabilizar as atividades profissionais, pedagógicas, culturais, etc. Isto aconteceu a passos lentos, devemos admitir, mas foi viável continuar até o momento em que pudéssemos retornar ao nosso funcionamento “normal”.

Dentre os processos de ensino e aprendizagem abordados e trabalhados nestes anos de pandemia, tivemos algumas classificações de formato de ensino como “estratégia utilizada - educação a distância (EaD); ensino híbrido; ensino remoto” (Barros, 2020, p. 3). Mas nos ateremos aqui a chamar este processo de Ensino Remoto Emergencial (Hodges *et al.*, 2020)

O ensino remoto emergencial é entendido, segundo Barros (2020, p. 3), como:

Soluções temporárias de educação completamente remota e/ou híbrida para situações originalmente presenciais, com possível retorno ao formato inicial após o período agudo da crise. Nessas circunstâncias, o objetivo principal não é a recriação de um ecossistema educacional robusto, mas fornecer acesso temporário, de configuração rápida e com conteúdo confiável em períodos extraordinários. (Barros, 2020. p. 3)

As bandas marciais que fazem parte do campo de pesquisa deste trabalho, estão presentes em dois projetos de bandas que funcionam na cidade de João Pessoa. Estes projetos em si, tem muitas semelhanças, devido serem fomentados pelos mesmos coordenadores, inicial ou posteriormente em períodos diferentes de sua vigência, como também porque os professores atuantes no decorrer do projeto e na atualidade terem sido oriundos destas bandas. Como aborda Sena (2016), é comum os professores e indivíduos atuantes dos projetos deste segmento continuarem no meio após o término dos estudos, sendo que desta vez se tornando professores(as) ou colaboradores(as)

Indo a fundo nesses procedimentos e explorando o campo de trabalho aqui discutido, chegamos até os processos educacionais que, por sua vez, também não podiam parar por causa de uma pandemia, afinal de contas as pessoas precisam dar continuidade às suas vidas e os caminhos de formação que nelas existem.

Ao abordar essa temática das concepções de ensino em bandas marciais, durante a pandemia de COVID-19, busco em outras pesquisas, através de periódicos, anais de congressos e repositórios, exemplos destas práticas, de suas importâncias e vivências para que possam me guiar por caminhos de aprendizagem e aperfeiçoamento e para que este trabalho possa fazer isto também com as demais pesquisas que poderão surgir.

Em respeito à efetividade agregada por trabalho ao ensino da música através das bandas marciais, Sena (2016, p. 12) indica que “no cenário contemporâneo, as bandas marciais representam uma importante ferramenta de iniciação musical”. E, sobre a capacidade formativa do ensino de música e profissionalização através de qualquer formação de instrumentos de metais, complementa:

A prática musical pode ser estimulada através das bandas de música e de suas múltiplas variações de categorias, tais como: bandas marciais, bandas escolares e bandas sinfônicas, dentre outras. Essas múltiplas categorias têm demonstrado ao longo do tempo, dentro do espaço sonoro brasileiro, a grande influência na formação de pessoas que deslumbram adquirir/aperfeiçoar o conhecimento musical necessário, para atuarem no mercado profissional da música. Nessa perspectiva, muitos músicos instrumentistas, tais como: trompetistas, trombonistas, tubistas, trompistas, clarinetistas e percussionistas, que atuam em orquestras sinfônicas, bandas de baile, bandas militares e civis, tiveram suas experiências musicais iniciadas nessas corporações musicais (Sena, 2016, p. 12).

Nesta linha de pensamento ainda uso como base de pesquisa os trabalhos de Nóbrega (2019. p. 2), que buscou compreender o funcionamento do projeto de bandas da Secretaria de Educação e Cultura (Sedec) do município de João Pessoa, caracterizando um dos meios de atividades de bandas pesquisados aqui:

A banda é um grupo musical que pode apresentar diversas configurações e que está inserido em diversos contextos de ensino de música. Um desses contextos é a escola, onde a prática da banda está presente como atividade extracurricular (Nóbrega, 2019. p. 2).

As bandas marciais que abordamos aqui fazem parte de dois projetos situados no município de João Pessoa, um deles do projeto de bandas da Secretaria de Educação e Cultura Municipal e o outro da Coordenação de Bandas Escolares, da rede Estadual de ensino. Sendo a primeira fazendo parte do ensino fundamental e do Ensino de Jovens e Adultos (EJA) e a outra trabalhando com o Ensino Médio Integral.

Entendendo o ensino das bandas e seus espaços, rumamos agora para o modelo que mais tem nos desafiado no momento atual de pandemia, o ensino remoto e que, segundo Martin (1999, *apud* Hash, 2020. p. 1, tradução do autor)² “O ensino remoto ou à distância existe como uma opção para o ensino de música desde o final do século 19, quando artistas profissionais ofereciam aulas pelo correio”³, entendendo que aqui, o termo “à distância” está sendo empregado como distância geográfica, e não o modelo de Ensino a Distância (EAD)⁴.

Com a internet, o computador e demais tecnologias, tornou-se possível o ensino remoto síncrono⁵ e assíncrono⁶. Porém, ainda assim temos desafios ao que se refere ao ensino da música, como indicado por Biasutti e colaboradores (2018. *apud* Hash, 2020. p. 3), “A qualidade e o atraso do áudio são frequentemente um desafio do EAD em música, especialmente para aulas aplicadas de forma síncrona”⁷. Vale destacar que, apesar das adversidades, “alguns alunos também

² Todas as citações em língua estrangeira serão traduzidas livremente por mim e apresentadas em sua versão original em notas de rodapé, sendo então omissas as futuras indicações de “tradução minha”.

³ Do original: Remote or distance learning has existed as an option for music instruction since the late 19th century when professional artists offered lessons through the mail (Martin, 1999).

⁴ Para mais aprofundamentos do conceito de ensino a distância, ver: Garcia Corrêa (2016), Gohn (2013).

⁵ Significa que acontecem em uma plataforma de videoconferência em tempo real (Hash, 2020).

⁶ Estudo independente guiado em torno de tarefas específicas e datas de entrega (Hash, 2020).

⁷ Do original: Audio quality and delay is frequently a challenge of ODL in music, especially for synchronous applied lessons (Biasutti, 2018. *et al*).

podem sentir que o ambiente online é um espaço mais seguro em comparação com a sala de aula tradicional⁸” (Huang, 2014. *apud* Hash, 2020. p. 2).

Apesar de todas essas adversidades em relação à facilidade com o contexto *online*, os professores tiveram que se encaixar no modelo, mesmo suas formações não sendo para o ensino remoto. Sobre isso, explica o Hash:

Com pouca ou nenhuma preparação, os professores P – 12⁹ mudaram o ensino de salas de aula físicas para plataformas remotas online e offline. Os educadores musicais seguiram o exemplo e tentaram ajustar as metas e atividades para atender à RL¹⁰, ao mesmo tempo em que atendiam às necessidades dos alunos. Embora a situação fosse desafiadora para todos os professores, os educadores musicais tiveram que encontrar maneiras de fornecer instrução significativa em um assunto que normalmente depende da interação dos alunos ao longo do processo de aprendizagem (Hash, 2020. p. 4).¹¹

Buscando aproximar ainda mais da linha de pesquisa deste trabalho, busco alcançar pesquisas que servirão de base para este trabalho e neste segmento. A respeito da percepção dos professores do ensino de música de forma remota, afirmam Garcia Corrêa e Mill (2016. p. 426):

Usando a percepção musical como analogia, buscamos elementos para o entendimento de como o professor percebe a sua prática docente por meio da prática reflexiva, tendo como referência a capacidade desenvolvida pela música para perceber as notas musicais e o contexto em que se juntam para criar uma música. O músico e o educador musical devem ser capazes de ouvir uma música e compreender teórica e abstratamente a sua estrutura. Por sua vez, o docente deve ser capaz de perceber e compreender sua prática, os processos de ensinar e aprender e a construção de sua base de conhecimentos enquanto atua (Garcia Corrêa; Mill, 2016. p. 426)

Com isto eles ainda agregam que “é preciso delimitar que existe uma diferença entre ouvir e escutar. Existe uma diferença entre perceber sensorialmente e perceber de forma a compreender o que se capta auditivamente” (Garcia Corrêa; Mill, 2016, p. 427). Indo mais a fundo no contexto de ensino *online*, é necessário a observação das possibilidades que surgiram com o avanço da tecnologia e embora Gohn, em seu trabalho, aborda diretamente o contexto de EAD, vale a pena

⁸ Do original: Some students also might feel that the online environment is a safer space compared to the traditional classroom (Huang, 2014).

⁹ Classificação de nível escolar equivalente do ensino fundamental dois ao ensino médio.

¹⁰ Remote learning (RL). Aprendizagem remota (Tradução).

¹¹ Do original: With little or no preparation, P–12 teachers moved instruction from physical classrooms to remote online and offline platforms. Music educators followed suit and attempted to adjust goals and activities to fit RL while still meeting students’ needs. Although the situation was challenging for all teachers, music educators had to find ways of providing meaningful instruction in a subject that typically depends on students interacting throughout the learning process.

destacar a concepção de utilização tecnológica que também se aplica aqui, e segundo ele:

As vantagens das facilidades digitais são imediatamente percebíveis: quando desejamos ouvir uma determinada música, é provável que a encontremos na internet, seja em gravações de áudio (baixando-a em serviços gratuitos como o já citado 4Shared ou comprando-a em lojas virtuais como iTunes Store) ou em vídeos (exibindo performances registradas “ao vivo” ou videocliques produzidos com a gravação de áudio) (Gohn, 2013. p. 26).

Como exemplo de sistemática de ensino remoto, temos o modelo de ensino por videoconferência, sendo um dos modelos mais utilizados atualmente, independentemente do que está sendo ministrado na aula. Sobre isto, Gohn (2013. p. 28-29) fala que “independentemente do formato do curso, que poderia contar com diferentes modelos de interação entre professor e alunos, o uso de vídeos sempre foi fundamental para a demonstração de exercícios e práticas com os instrumentos”. Dentro deste processo de aprendizagem, Gohn (2013) ainda justifica que a interação entre professor e aluno é uma base necessária para assegurar a continuidade da construção do conhecimento e a assimilação do conteúdo com efetividade.

Levando em conta os pontos destacados a partir dos trabalhos apresentados, este trabalho busca contribuir com a comunidade acadêmica, pondo em foco um processo educacional que já se perpetua há anos em um modelo tradicional e que sofreu, e está sofrendo, mudanças devido à situação pandêmica. É esperado que a partir desta, mais pesquisas sejam feitas e que o universo das bandas marciais na Paraíba e no Brasil receba mais olhares, para que possam assim receber a fomentação necessária, seja ela de cunho social, pedagógico, econômico e/ou físico.

3. CONHECENDO O CAMPO DE ESTUDO - DIMENSÕES EMPÍRICAS E METODOLÓGICAS

Neste capítulo trago uma breve contextualização histórica, para compreendermos melhor a trajetória percorrida pelas formações de bandas que influenciaram as bandas marciais estudadas como também sobre a história dos projetos presente neste trabalho, e é descrito a composição de uma banda marcial. Além da parte histórica apresento sobre o processo de pesquisas e entrevistas, apontando as metodologias usadas durante os processos de construção deste trabalho.

Durante o período renascentista, grupos chamados de guildas já traziam características de bandas (Moreira, 2007, p. 25), sendo elas compostas de instrumentos de metais e percussão que possibilitavam a execução de música ao ar livre, devido os instrumentos terem massa sonora para tal função. Com a evolução das civilizações em alguns campos como as fábricas de metais, novos instrumentos surgiram e cada vez mais esses instrumentos foram se difundindo, entrando em formações musicais já existentes e dando origem a novas formações.

No Brasil, as bandas inicialmente tiveram formações compostas por escravos, o caso das charamelas¹² (Silva, 2012. p. 23), e posteriormente as bandas de barbeiros, sendo nesta composta por escravos alforriados que exerciam o ofício de barbeiro e tinham tempo para dedicar ao estudo musical, dando origem assim ao nome (Nóbrega, 2018. p. 34).

As influências das bandas de música, bandas sinfônicas e bandas marciais atuais se dão desta vez pelo surgimento das bandas militares, ocorrido após a vinda da corte portuguesa para o Brasil, onde as corporações militares modernizaram os instrumentos e repertórios (Nóbrega, 2007. p. 35) e influenciaram as bandas de música civis como destaca Silva (2012. p. 23):

O desenvolvimento das bandas de música teve início no âmbito militar, se fazendo presente em quase todas as corporações militares. Posteriormente, as bandas foram surgindo como uma organização civil, chamadas “sociedades musicais”, as quais se inspiravam nas bandas militares no que diz respeito ao fardamento, às marchas, aos desfiles e à hierarquia. (Silva, 2012, p. 24).

¹² “ A charamela era um instrumento de sopro, antecessor da atual clarineta e possuía uma família desde a soprano até o baixo” (Tacuchian, 1982).

A partir destes projetos de instrumentos de metais e percussão, como a banda marcial, que muitos *performers* e professores têm a oportunidade de ter contato com a música. Dentre estes projetos, o da rede municipal da Secretaria de Educação - Sedec é o mais antigo em relação ao projeto da rede Estadual, no município de João Pessoa, com o nome de “Educar a criança através da música”, iniciando suas atividades no ano de 1993 em 11 escolas da rede de ensino, abarcando, no ano de 2017, 93 das 96 escolas da rede” (Nóbrega, 2019, p. 03), enquanto o projeto da rede estadual de ensino, da Coordenação de Bandas Escolares - CBE, o mais novo, tendo vigência com o novo formato a partir do ano de 2013, embora o projeto tenha iniciado por volta da década de 90, com finalizações e recomeços ao longo dos anos e modificações em seu formato.

As bandas marciais funcionam divididas em duas partes: a corporação musical, composta pelos instrumentos; e a linha de frente, composta por Comandante mor¹³, Baliza¹⁴ feminino e/ou masculino, Corpo Coreográfico¹⁵, Pavilhão nacional¹⁶ e o Estandarte/escudo da corporação, que juntos formam a banda. Os trabalhos dessas partes geram o resultado que conhecemos na avenida e em eventos como os campeonatos e encontros de bandas.

Embora se tenha uma diversidade nas bandas marciais a se explorar, o foco deste trabalho pretende aprofundar e conhecer sua parte musical. Antes, durante ou agora, saindo da pandemia, elas são caracterizadas por usar instrumentos de metais como: trompetes, trombones, tubas, trompa, flugelhorn e bombardino, sendo estes três últimos os mais recentes a serem utilizados no meio e o último o mais novo da família a ser adicionado e incorporado as bandas.

Também faz parte das bandas marciais o uso de percussão, sendo o tipo utilizado de acordo com a finalidade da apresentação. Nos desfiles e em encontros e campeonatos é utilizado a percussão rudimentar¹⁷. Além dela, é comum que o repertório peça a utilização de instrumentos de percussão popular e/ou sinfônica.

¹³ Geralmente posicionado à frente da banda, o comandante mor é o líder da banda que comanda as ações da banda.

¹⁴ Bailarina ou Bailarino que faz coreografias oriundas da ginástica rítmica, utilizando ou não acessórios.

¹⁵ Grupo de pessoas que coreografam a música que a banda está tocando, dançando normalmente de forma padrão.

¹⁶ Corpo de pessoas que carregam e resguardam as bandeiras, sendo composto normalmente pela bandeira nacional, estadual, municipal e da corporação.

¹⁷ Percussão específica para a execução de rudimentos percussivos, que são combinações de rítmicas através de técnicas específicas.

Nos processos de ensino e aprendizagem anteriores ao período de pandemia, os professores utilizavam de várias metodologias, podendo ser de ensino individual, coletivo ou misto, dependendo sempre das necessidades da banda marcial em que está se atuando (Carvalho, Gonçalves, 2017; Nóbrega, 2018). No período de Ensino Remoto Emergencial as práticas de ensino e aprendizagem coletivas ficaram comprometidas, uma vez que dependiam de vários fatores para que o processo acontecesse, como internet, equipamento de captação¹⁸ e monitoramento¹⁹, aparelho eletrônico para assistir a aula entre outros que fizeram com que as aulas se tornassem cada vez mais individualizadas ou no máximo de naípe²⁰, quando era um teórico-prático e que os alunos não tocassem ao mesmo tempo.

De modo a captar informações a respeito das escolas, dos regentes, dos alunos, das metodologias e das concepções de ensino-aprendizagem dos professores, assim como sua da estrutura física e/ou tecnológica disponibilizada, o processo de pesquisa se iniciou a partir de um roteiro semi-estruturados, elaborado para entrevista com dois respondentes, sendo dois professores de bandas marciais, através da ferramenta de documentos do Google, servindo como um mapa para abordar os assuntos que estão sendo tratados neste presente trabalho e assim entendermos o universo ao qual nos propomos adentrar.

Foram feitas entrevistas semi-estruturadas com os professores/regentes, para entendermos seus processos e suas concepções prévias e após estes, aos quais eles se submeteram desde o anúncio do fechamento das escolas em março de 2020, até os dias atuais.

Um roteiro de perguntas (ver apêndice A) serviu para nos ater a questões específicas que buscamos entender, como, por exemplo, como a notícia do fechamento das escolas afetou os regentes e alunos (sob o olhar do professor); como ocorreu o processo de planejamento e de formação sobre ensino e tecnologia, tendo este sido ofertado pelo Estado/Município ou tendo o regente/professor buscado independentemente esta formação; como ocorreu o processo de ensino e todos os seus desdobramentos: como foi planejado, organizado e sistematizado de forma remota; quais os possíveis resultados obtidos e/ou percebidos por eles, podendo estes serem materiais ou imateriais como arranjos, vídeos, construção de

¹⁸ Câmeras e microfones.

¹⁹ Fones de ouvido ou caixas de som.

²⁰ Prática onde os alunos de mesmo instrumentos tem aula juntos.

saberes e habilidades; quais foram as concepções iniciais e as finais deste trabalho e como toda essa vivência tenha moldado o processo e os componentes que dele participaram e o que esperar desta retomada.

Inicialmente, foi informado aos professores em algumas reuniões da CBE sobre o trabalho de conclusão de curso que estava para acontecer, deixando claro aos mesmos que seria em anonimato, estando sabendo da participação de quem quer que se candidatasse a participar, os participantes e o entrevistador.

O perfil desejado para se entrevistar e entender as concepções que regeram as práticas das bandas as quais esses professores estavam a frente seriam que o ensino tivesse acontecido de forma remota, a partir do início da pandemia e seguindo as leis e diretrizes de biossegurança estabelecidas pelo governo Federal e o Estadual, podendo ter também abertura para momentos presenciais pontuais, mediante o seguimento de tais diretrizes e acompanhando as devidas liberações dos decretos.

Foi encontrado um campo de atuação resumido, uma vez que poucos professores se encaixaram nos requisitos estabelecidos, o que afunilou e guiou a pesquisa para uma abertura para a rede municipal de ensino, onde antes, se faria apenas com a rede de ensino estadual do município de João Pessoa.

Após peneirar os possíveis professores para a participação da pesquisa, e os identificado, foi marcado um local e horário para a entrevista (ver Quadro 01 e Quadro 02), utilizando-se de equipamento de captação sonora: sendo um microfone dinâmico²¹ cardioide²², uma interface de áudio²³ e um computador com *software* de captação de áudio.

As duas entrevistas foram captadas em áudio e transcritas utilizando aplicativo para tal finalidade, sendo este o Soundtrap, com o intuito de acelerar o processo de análise. Após transcrição as entrevistas passaram por ajustes ortográficos do aplicativo, preservando a linguagem informal utilizada na entrevista e possibilitando assim a análise de seu conteúdo.

²¹ Microfone que a captação não precisa de uma energia externa para produzir a vibração e enviar para a mesa de som ou caixa amplificadora.

²² Microfone que a captação é frontal.

²³ Equipamento de comunicação entre dois pontos, sendo neste caso o que recebe informação do microfone e passa para o computador.

Quadro 01 - Dados dos entrevistados

Tópico	Entrevistado A	Entrevistado B
Idade	32	39
Função	Professor da Banda A e Escola A	Professor da Banda B e Escola B
Formação	Sequencial em regência	Superior incompleto
Tempo de Trabalho	12 anos	9 anos

Quadro 02 - Dados das Entrevistas

Tópico	Entrevistado A	Entrevistado B
Data	05 de maio de /2022	16 de maio de 2022
Local	Escola estadual	Casa do entrevistado
Duração	50min 26seg	48min 50seg
Páginas Transcritas	12	16

Conhecemos neste capítulo a concepção de alguns pesquisadores a respeito do universo das bandas, dos projetos abordados, do ensino *online*, do ensino remoto emergência, de tecnologias de ensino *online* entre outros. Com as análises das entrevistas feitas, que virão a seguir, teremos um parâmetro de como a junção desses assuntos, no caso as concepções das práticas e as práticas dos professores, se deram durante o período de pandemia em bandas marciais.

4. EXPERIÊNCIAS E CONCEPÇÕES DE ENSINO NAS BANDAS ESTUDADAS NO CONTEXTO DA PANDEMIA DE COVID-19

No presente capítulo, aprofundarei o contexto pesquisado e analisado, com seus aspectos gerais de ensino, uso das tecnologias e as possibilidades e adversidades que apareceram ao longo do processo de ensino-aprendizagem de dois professores, no período de pandemia, no modelo de Ensino Remoto Emergencial.

Foi realizada uma análise a partir dos contextos, vinculando os pensamentos dos autores já abordados, não visando comparar e achar algo positivo ou negativo, mas sim identificar as situações em outras e distingui-las, apontando suas divergências e congruências, analisando ainda as concepções de ensino dos professores, além das práticas dos contextos, fazendo assim saber como eles entenderam todo este período que vivenciaram.

4.1 Cenário e contexto

4.1.1 Conhecendo as bandas

As bandas marciais estudadas fazem parte de projetos onde as mesmas têm normalmente um conjunto instrumental que varia entre 35 a 60 instrumentos, podendo comportar a quantidade de alunos correspondente aos instrumentos e também pode ultrapassar a quantidade em relação a percussão, que pode ser tocada por mais de um aluno já que é possível repassar o instrumento sem tantas questões de higiene pessoal.

Essas bandas encontradas no âmbito escolar, embora com um número de instrumentos considerável, variam o quantitativo de alunos podendo ser encontrado bandas com 15 alunos até as que a quantidade de alunos ultrapassam a quantidade de instrumentos disponíveis. Isso se dá por diversos fatores, por ser pequena a capacidade de comportar o alunado que a escola tem, como também por a escola estar situada em área de difícil acesso, como são as escolas de cidades interioranas, como aborda Nóbrega:

O kit é composto por instrumentos de metal como o trompete, o trombone, o bombardino e a tuba, além de instrumentos de percussão, como as caixas, os bumbos e os pratos. Tanto a instrumentação quanto a quantidade de

instrumentos, em cada escola, depende da quantidade de alunos que compõem a banda e do tipo de repertório executado. (Nóbrega, 2019, p. 4)

Temos no campo de estudo dessa pesquisa, duas bandas que nos apresentam: um cenário com o ensino fundamental (anos iniciais e finais) e o ensino de jovens e adultos (EJA); e outro com o ensino médio. O que já é uma diferença que proporciona para muitas mudanças de uma banda para a outra, no que diz respeito ao quantitativo de alunos e até aspectos musicais como repertório a ser abordado, por exemplo.

Foi encontrada uma variação significativa entre a participação dos alunos nas atividades das bandas e a evasão escolar. Houve variações do antes, durante e neste atual momento de saída da pandemia em relação à participação do corpo estudantil na banda marcial. Temos a Banda A que trabalhava com cerca de 60 alunos antes de 2020 e teve uma decrescente significativa após o início do ensino remoto. O mesmo se dá na Banda B que atuava com cerca de 40 alunos que se mantiveram ao longo do primeiro período de ensino, mas que decaiu significativamente ao longo do ano de 2021, como cita o Professor B (2022):

A gente conseguiu manter a média, ficou entre trinta e nove e quarenta e dois alunos. Ninguém entrou e ninguém saiu. Só dois que perderam o estímulo, mas o ano de 2021, sim, teve a queda, da média de trinta e nove a quarenta e dois, [...] concluí o ano com onze. (Professor B, 2022, p. 02).

Há uma variação também no quesito de idades dos alunos que participam do projeto, tendo a Banda A da rede municipal uma variação de oito a dezoito anos e a Banda B da rede estadual contando com alunos entre quatorze e dezoito anos, devido seu contexto único de ensino médio.

Essa queda no quantitativo de alunos se deu por vários motivos, como o fato dos alunos não terem pego os instrumentos na escola, quando houve o decreto de paralisação, tendo apenas três alunos de uma das duas escolas ficado com os instrumentos em casa, causando desmotivação no estudo, além das dificuldades para assistirem as aulas remotas.

As práticas de ensino se deram inicialmente em uma abordagem teórica, tanto pela falta do instrumento, quanto porque os professores, e a gestão escolar, acreditavam que seria algo passageiro. Então temos a escola B com poucos alunos onde três estudantes estão estudando a teoria e a prática e os demais apenas o teórico e a escola A onde todos os alunos estão apenas no ensino teórico.

No geral, a escola do Professor A, contou com cerca de 40 alunos atuantes nas aulas dentro desses dois anos de pandemia, enquanto o cenário do Professor B, contava com 11 alunos participantes do processo de ensino e aprendizagem, onde foi trabalhado nas duas escolas o ensino teórico e prático.

É entendido, a partir das falas dos professores, que a evasão das bandas foi dada pelas adversidades geradas pela pandemia, sendo pela falta de se ter o instrumento em casa no período inicial da pandemia, pelas dificuldades iniciais de suporte e orientação sobre como o trabalho deveria suceder, implicando fragilidades no ensino, como também questões de motivação e questões socioeconômicas.

É notório como os professores têm ciência que esse processo de evasão foi algo natural nesse período de pandemia, dado as dificuldades que se apresentaram não só para eles, mas, principalmente, para os alunos que tiveram que lidar com a falta de preparação socioeconômica, com o nível de organização cobrado para o desenvolvimento das atividades, com as dificuldades motivacionais para continuar os estudos (G1, 2020), e com os processos do estudo que por si já são bastante complexos.

4.1.2 Pandemia e situações implicadas:

Com a chegada da pandemia, iniciou-se um processo de fechamento dos estabelecimentos de ensino, comerciais, etc. No dia 17 de março de 2020 foi convocada uma reunião emergencial com o corpo docente da rede estadual de ensino de bandas com os professores da primeira regional, situada no município de João Pessoa, e para os professores das demais regionais que moravam na cidade. O intuito da reunião foi passar informações da Secretaria de Educação da rede estadual de ensino, a respeito da situação estadual sobre o vírus da COVID-19.

Foi determinado que a partir daquele dia, as escolas estariam entrando em recesso por tempo indeterminado até que a secretaria se manifestasse, novamente, a respeito de como funcionariam as aulas daquele momento em diante, tendo em mente a iminência do risco do vírus. Como abordado por Barros:

A pandemia da Covid-19, que assolou o mundo no início do ano de 2020, provocou efeitos instantâneos nos mais diversos campos de atuação da humanidade. No âmbito da educação, não foi diferente. As medidas de isolamento e distanciamento social, necessárias para impedir a proliferação

do vírus, obrigaram a abrupta suspensão de aulas e o fechamento das escolas. (Barros, 2020, p. 3)

Com as notícias de paralisação, os professores relatam contatar os alunos no intuito de passar os informes e para eles poderem pegar seus instrumentos nas escolas, permitindo assim a continuidade de suas práticas musicais em casa. Com o movimento de fechamento repentino, parte dos alunos das redes de bandas não tiveram tempo para pegar os instrumentos, como indicado anteriormente e relatado pelo Professor B (2022, p. 3): “Então, três alunos ficaram com um instrumento de sopro em casa: trompetes e um Trombone”, e ainda o Professor A (2022):

No início da pandemia, a gente estava focando mais na questão teórica. Porque até então, na cabeça da gente, não iria demorar tanto, não... [quando] a gente viu que a pandemia ia se estender um pouco, a direção da escola autorizou também liberar os instrumentos para que eles levassem para casa. Então a gente começou a fazer algumas atividades práticas. (Professor A, 2022, p. 2).

Boa parte dos alunos teve a notícia de paralisação por meio de mídias sociais de comunicação. Pode-se ver a partir daí a fragilidade do início do processo do Ensino Remoto Emergencial: sem preparação, apenas paralisando as atividades e sem um plano de contingência ou para retorno das aulas. Questão essa que podemos desde já refletir: a necessidade de planos emergenciais em casos de catástrofes que podemos sofrer.

4.1.3 Início do Ensino Remoto Emergencial

Depois de uma breve paralisação, o ensino foi retomado gradativamente, desta vez pelo modelo de Ensino Remoto Emergencial, com ênfase nas matérias gerais da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), e deixando em segundo plano as matérias técnicas e complementares que é o caso do ensino de bandas. Como indicado pelo Professor B (2022, p. 1), “em primeiro caso, a gestão da escola enfatizou o ensino virtual com foco nas matérias da escola e nenhum ensino técnico ficou enfatizado”.

Esse período inicial apresentou dificuldades, pois a paralisação das atividades para as bandas musicais foi maior que para as matérias gerais e a retomada trouxe consigo várias adversidades para a realização das aulas: desde a motivação para os alunos estudarem, como indicado pelo Professor A (2022, p. 2), “A gente tava com

65 alunos inscritos na banda, e aí, quando estourou a pandemia, as aulas foram suspensas devido a isso teve uma queda, mas ainda mantivemos uma média de 25 a 30 alunos, por aula, divididos nos naipes”; até o suporte físico e tecnológico para tal fim, como também a *expertise*²⁴ necessária para o desenvolvimento de tais processos.

O Professor A (2022, p. 04), toca neste ponto ao usar a expressão que eles estavam como “‘cego em tiroteio’, sem rumo a seguir” . Ele aponta ainda que essa fase inicial de adaptação e aprendizagem para o ensino se deu de maneira empírica, procurando materiais em casa, buscando conhecimento com os colegas e pela internet e só depois desse período inicial autônomo, a coordenação preparou materiais aos quais eles puderam se apoiar pedagogicamente. Tais aspectos são interessantes de se destacar, uma vez que essa colaboração no ensino já era estimulada por alguns teóricos, como indicado por Barros (2020) que, baseado em Tobias (2014) diz que:

Os educadores musicais devem se envolver na construção de redes de desenvolvimento profissional, através de plataformas digitais, para trocas de experiências e questionamentos relativos à educação musical. (Barros, 2020, p. 8-9)

De fato, a experiência pessoal dos professores no meio de bandas contou muito nesse momento “as cegas” que passaram durante o início do Ensino Remoto Emergencial. Pois, além de suas formações técnicas, cursos, *workshops*, formações continuadas e cursos de graduação em andamento, eles contam um com a experiência de 12 anos no meio das bandas e outro com cerca de 30 anos de vivência, o que os deu respaldo para buscar outros conhecimentos a respeito metodológico e tecnológico na continuidade das aulas com tranquilidade e assiduidade.

Percebemos aqui, como indicado anteriormente, a necessidade de melhor preparo para situações inusitadas, pois, além da grave situação do vírus, a falta de resoluções de problemas presentes na sociedade como os socioeconômicos e estruturais agravou o problema principal, como abordaram os professores e ainda destacado por Barros (2020) em seu trabalho.

²⁴ Característica de quem conhece muito um assunto; competência ou sabedoria: tornar-se um especialista em música é muito difícil, para obter essa expertise, é preciso superar limitações.

A partir das falas dos professores podemos entender que no momento da volta às atividades pedagógicas eles procuraram não problematizar a falta de apoio pedagógico ou os problemas existentes, mas sim, direcionar suas energias para como resolver as adversidades e começar e/ou dar continuidade aos trabalhos com os alunos de banda marcial.

4.1.4 Formações continuadas

Embora professores, o estudo e formações continuadas para haver atualizações de suas matérias e do sistema de ensino é contínuo, o que os torna, assim também, estudantes. Com isso, é necessário que as coordenações dos projetos, como também as coordenações pedagógicas juntamente com a Secretaria de Educação planejem as denominadas formações continuadas.

Como tudo aconteceu de maneira súbita, não havia a possibilidade de simplesmente parar para fazer a formação e depois tornar com as aulas. Então, quando houve a volta às aulas, as secretarias e coordenações pedagógicas escolares já tinham um cronograma dos conteúdos juntamente com as formações para que as necessidades básicas para a execução da aula acontecessem.

As formações desse período inicial não se deu por cunho conteudista das matérias em si e a respeito dos problemas de ensino e tópicos que normalmente são debatidos nessas formações. Elas vieram como um curso básico de como lecionar no modelo de Ensino Remoto Emergencial, mostrando possibilidades de plataformas e aplicativos para salas reuniões, que passaram a ser as salas de aula:

Então, todos os anos sempre tiveram as formações e agora na pandemia, teve uma que ela durou acho que aí uns dois a três meses e o foco era geral para os professores, a gente não via assim, um foco exclusivo para o ensino da música (Professor B, 2022, p. 06).

Uma das questões que possa ter gerado evasão do alunado no início do período de ensino remoto foi a falta de formação específica para o ensino da música nesse modelo, como bem abordam os professores das bandas marciais. O que pode ter deixado o ensino específico de música comprometido.

A respeito dos processos de formação, embora com o ensino específico comprometido, os professores concebem que foi um período de bom aproveitamento, e que, mesmo sendo uma formação de cunho tecnológico, foi de

grande valia, tendo sido fundamental para o desenvolvimento dos trabalhos e podendo agora, continuar aproveitando os conhecimentos adquiridos, como ressalva o Professor B (2022):

Foi fundamental para a gente aprender, não é, a coisa nova. A gente não estava preparado para isso, ninguém esperava o que aconteceu na pandemia e assim, para mim, funcionou, porque os aplicativos dos programas, Google Meet, tinha mais uns, umas ferramentas que eu não sabia utilizar. Assim, eu conversar com uma pessoa usando aquela plataforma beleza, agora eu criar uma sala, um ambiente para colocar material, fazer uma chamada em grupo, fazer uns vídeos, transmitir material, transmitir os vídeos e tal, para mim, foi de excelente ganho, porque agora, além de fazer na escola, eu posso fazer em outros campos que eu trabalho também (Professor B, 2022, p, 06).

No caso do Professor A, não houve formação continuada, propriamente dita. A coordenação de bandas da SEDEC fez alguns alinhamentos junto aos professores, reuniões, para relatar a preparação de materiais de suporte como já abordado aqui. Sobre esse ponto, vale destacar a fala do Professor A, que diz:

Depois de um tempo, a coordenação de bandas, começou a dar esse suporte, então a gente tinha um encontro semanal na sexta-feira à tarde, onde a gente tinha uma conversa sobre alguns, alguns pontos, como ia acontecer as atividades, as plataformas que eles estavam preparando, as videoaulas que estavam sendo preparadas e iam ser repassadas para a gente (Professor A, 2022, p. 07).

Entendendo que as ações tomadas impostas pelas situações do modelo emergencial remoto são soluções para tais fins como já destacamos através dos trabalhos de Barros (2018; 2019), os professores entendem que o conteúdo criado pelas coordenações e todas as ações tomadas por eles foram úteis, gerando assim o mínimo de suporte para que pudessem dar continuidade aos trabalhos no modelo de Ensino Remoto Emergencial.

4.2 Experiências e práticas pedagógicas desenvolvidas

4.2.1 Do ensino e vantagens do modelo

De modo geral tivemos dois cenários de ensino e aprendizagem com aspectos que divergem e com outros que convergem. Eles estão divididos em teoria, percepção musical e prática instrumental, trabalhados de maneira coletiva em duas formas: a banda em geral e o coletivo dividido em naipes. Também foram feitos trabalhos de forma individual. O ensino teórico se deu de forma coletiva, onde os professores utilizaram alguns caminhos, como aplicativos e/ou plataformas para

conseguir conduzir as aulas uma vez que os procedimentos para tal ficaram comprometidos, como exemplifica Barros (2020, p. 4), ao dizer que:

A impossibilidade de realização de atividades musicais presenciais e a dificuldade de adequação de práticas e instrumentos musicais convencionais ao ambiente on-line fazem com que o professor de música se volte às possibilidades e ferramentas de criação, difusão e performance musicais no meio digital. O período de pandemia trouxe à tona uma série de plataformas que possibilitam o fazer musical digital, tais como o Google Chrome Music Lab²⁵ e o Hook Theory²⁶. (Barros, 2020, p. 4)

O Professor A, gravou vídeos e ministrou aulas através de uma plataforma de videoconferência da Google, além de preparar tarefas e deixar na escola para os alunos pegarem, como faziam os demais professores, ação essa abordada por Hash (2020, p. 02), “Para alguns alunos, o aprendizado remoto pode simplesmente envolver o recebimento de um pacote de instruções e materiais de sua escola que eles completam e devolvem de forma independente”.

O Professor B, trabalhou os conteúdos através de atividades escritas pelo WhatsApp, onde ele se comunicava com o grupo e encaminhava as atividades em PDF, para os alunos realizarem e devolverem. Tal prática corrobora com um relato de experiência (Marques; Santos, 2021) no âmbito das práticas pedagógicas desenvolvidas em estágio supervisionado de música no contexto da Educação Básica durante o período de pandemia, também no município de João Pessoa.

Também foram gravadas aulas pelo Professor B, prática esta que se tornou comum entre os professores no período de ensino remoto (Barros, 2020; Hash, 2020), uma vez que era possível gravar várias aulas, com suporte de slides ou outros guias e programar o acesso ao aluno no dia da aula.

Vale ainda salientar dois pontos destacados por Barros (2020), em relação ao uso das ferramentas de comunicação WhatsApp e Telegram, usadas no período de pandemia. Sobre esse ponto, aborda ele:

Para o caso de instituições e alunos com dificuldade no acesso, velocidade e confiabilidade a internet, é viável a apropriação dos aplicativos de mensagem instantânea, como o WhatsApp ou Telegram. Boa parte dos pacotes de dados das operadoras telefônicas permite o envio ilimitado de mensagens nesses programas, mesmo quando os créditos necessários para utilização da conexão estão finalizados (Barros, 2020, p. 07).

²⁵ Disponível em: <https://musiclab.chromeexperiments.com/Experiments>

²⁶ Disponível em: <https://www.hooktheory.com/>

A banda marcial, como já apresentado aqui, é uma das portas para o ingresso no mundo musical, principalmente as bandas da rede municipal que têm contato com os alunos ainda na fase infantil. Por virem do ensino fundamental, onde tiveram contato com banda marcial, para o médio, onde estão dando continuidade aos estudos musicais, todos os alunos da escola em que o Professor B leciona sabiam ler partitura e já tinham experiência com os instrumentos, dividido em três alunos nos metais e oito na percussão.

Uma das vantagens destes projetos estarem inseridos nas escolas é que os alunos passam uma parte de sua vida na aprendizagem acadêmica, permitindo o aluno ter mais tempo de contato com a banda e assim se preparar por um período prolongado. Vantagem essa também para os professores, que quanto maior o período que o aluno se mantém na banda, mais desenvolvido consegue ser o trabalho.

Por este motivo, de tempo de aprendizagem, os alunos da escola da rede municipal, do professor A, tinham contato com o instrumento e sabiam ler partitura, pois já vinham do ano de 2019 tendo contato com tais práticas, tendo que aprender do zero apenas os 4 alunos ingressantes no ano de 2020.

Os professores se valeram muito desse modelo/sistema, onde os projetos dão essa bagagem ao alunado, pois eles compreenderam as suas necessidades de ensino a partir de suas experiências prévias com o sistema dos projetos. Eles sabiam que os alunos já sabiam ler, em sua maioria, e se preocuparam em desenvolver questões teóricas mais aprofundadas, dando continuidade nos assuntos, como também, assim que puderam, começaram a parte prática, uma vez que o trabalho na teoria estava encaminhado.

4.2.2. O contexto online e fragilidades sociais

Quando falamos de música, do ouvir e tocar um instrumento, o ambiente no qual o fazemos influencia nesta prática. Se estamos numa sala com muita ou pouca reverberação, como no caso das salas de estudo ou ainda nas salas de concerto idealizadas para a execução musical, teremos influência no processo e no resultado sonoro final.

Ao falar em aula *online* de prática instrumental nos deparamos com problemas já conhecidos e prévios ao ensino remoto emergencial como a latência da conexão da internet e distorção sonora. Não foi estranho o relato de que as aulas coletivas de instrumento fossem comprometidas e a partir daí houve a escolha de aulas individuais, no que diz respeito às práticas com os instrumentos (Professor A, 2022; Professor B, 2022).

Esse comprometimento se deu através de vários aspectos, sendo pela falta de estrutura física tecnológica dos alunos, e/ou professor, ou como também a oscilação na internet e entrega dos sinais que variam e acabam não permitindo ensino coletivo síncrono. Dificuldades essas destacadas por Barros (2020):

É válido observar que as plataformas de videoconferência que estão sendo usadas para as aulas virtuais não foram concebidas para atividades e performances musicais, apresentando problemas de latência, fidelidade sonora e sincronização. (Barros 2020, p. 4).

A prática de aulas *online* de instrumento é algo diferente do presencial e que proporciona uma alteração no referencial de escuta, e logo, no referencial de produção musical. Escutar um concerto numa sala de concerto e ouvir o concerto no Spotify²⁷, por exemplo, são duas coisas diferentes, mesmo com um ótimo material de captação e *expertise* para manipulação na mixagem e masterização. Tem-se aí um problema de questão econômica, pois “os equipamentos para uma boa captação de áudio têm um custo bastante elevado, não sendo acessíveis para a maioria dos professores” (Barros, 2020, p. 4).

Vale salientar que não se pode deixar de lado os ganhos que a internet traz, mas há também os prós e os contras de toda e qualquer prática. Neste caso, naturalmente por serem jovens de posição social desfavorecida, em sua maioria, o equipamento é fragilizado, tendo normalmente um celular para assistir às aulas e às vezes o mesmo é utilizado por mais de uma pessoa em casa, situações essas que podemos constatar na pesquisa TIC domicílio de 2020:

No âmbito da educação formal, cerca de um terço (32%) dos usuários de Internet com 16 anos ou mais declarou que frequentava escola ou universidade no momento da coleta dos dados para o Painel TIC COVID-19 [...] O celular foi o principal dispositivo utilizado para acompanhar as aulas e atividades remotas, sobretudo nas classes D e E” (CETIC, 2020, p. 02).

²⁷ O Spotify é um serviço digital que dá acesso instantâneo a milhões de músicas, podcasts, vídeos e outros conteúdos de criadores no mundo todo.

Sendo assim, as aulas de prática instrumental iniciaram com o professor B, apenas com os três alunos que estavam com instrumento em casa e com o professor A, só após a liberação dos instrumentos, tendo praticado os conceitos de altura e duração através da percussão corporal e do solfejo²⁸. Nas duas práticas constatam-se as dificuldades encontradas pelo contexto ao ministrar de forma coletiva e passaram a ministrar aulas de instrumento individualmente.

Os professores a partir do entendimento gerado pelo processo de ensinar no modelo remoto de forma coletiva, decidiram modificar o ensino para um processo individual, pois na compreensão deles, o ensino remoto, na forma coletiva, comprometia o processo de ensino e aprendizagem, sendo de mais-valia um modelo onde eles pudessem escutar cada aluno e orientá-los individualmente.

4.2.3 Referências para o processo pedagógico

Dentro de todo processo pedagógico o planejamento é um dos aspectos de destaque, pois é a partir dele que se traça os caminhos aos quais se quer percorrer, tendo abertura para as possíveis curvas que aparecem no decorrer do caminhar, mas sabendo de onde saiu e onde se quer chegar. Para a execução de tal, as referências e materiais utilizados têm sua importância para o desenvolver dos trabalhos, dando assim algo palpável para os professores e alunos se apoiarem.

Os projetos aos quais estas bandas se encontram, dão aos seus professores uma liberdade e abertura para escolherem suas bases de referência pedagógica e suas metodologias, ficando à decisão do professor utilizar o que lhe for conveniente. Uma vez que projeto de diversos tamanhos implicam em variados meios e consecutivamente, variados casos que necessitam de ações diferentes, como destaca Nóbrega (2019) ao falar que as bandas podem constituir variadas formações e que está inserida em variados contextos de ensino, sendo a escola apenas um dos que a banda está presente.

Os professores entrevistados neste trabalho detém formações formais e informais que lhes dão suporte e autonomia para agir, olhando para as decisões e opiniões das coordenações, mas agindo conforme lhe for conveniente. Desta

²⁸ Solfejo é um exercício de cantar trechos musicais, podendo ser um trecho de uma música ou um estudo.

maneira, os professores optaram por abordar e subsidiar referências que já lhes são próximas, inicialmente. Sobre o processo de seleção e formação dos professores dos projetos, aborda Nóbrega (2018):

Os regentes são selecionados através de entrevistas e análise de currículo. A coordenação dá preferência, na hora da contratação, a pessoas que possuam algum tipo de formação musical, como bacharelado, licenciatura ou algum curso técnico em música. Alguns dos regentes que entraram no projeto em outras gestões possuem apenas o ensino médio completo e por causa disso, são aconselhados a se qualificarem, procurando algum curso técnico ou de graduação (Nóbrega, 2018, p. 48).

Entre os conteúdos aos quais eles não são especialistas, os professores coletaram orientação e materiais com os colegas e utilizaram materiais disponibilizados pelas coordenações, de antes da pandemia, e após as coordenações se manifestarem utilizaram os materiais indicados:

Depois que a gente tava nesse processo de iniciação dessas coisas, a prefeitura disponibilizou o material também. Eu, professor Clailton, ele gravou umas vídeo aulas de Trombone, postou. Kaio do bombardino. Eduardo, também do Trombone. Djair, da percussão. E teve um do trompete que eu não tô lembrando o nome, mas eles disponibilizaram videoaulas para nos ajudar, para nos auxiliar e um material também. Eu somei junto para fazer uma adaptação, porque é muito material. Era um pouco avançado, então, para os alunos mais novos, nos anos menores, a gente fez uma adaptação” (Professor A, 2022, p. 04).

Dois dos materiais base utilizados pelo Professor B foram os métodos de Paul Hindemith (1988) e o de Gazzi de Sá (1990), como destacado por ele: “o Gazzi de Sá, para mim, ele é fundamental. Para eu fazer o trabalho com os alunos, a iniciação musical de Gazzi é muito forte, assim, a resposta dos alunos é muito rápida” (Professor B, 2022, p. 04).

Os materiais em relação à prática musical varia muito de escola para escola, entretanto um dos métodos utilizado é o “Da Capo” (Barbosa, 1998), método este para ensino coletivo, mas que também é eficaz individualmente. Como a percussão que é mais trabalhada no meio é a rudimentar, é normal que os professores trabalhem os estudos de rudimentos, os estilos rítmicos como também métodos de leitura como método Pozzoli, Hindemith (1988), entre outros.

Podemos perceber que neste processo de ensino e aprendizagem, os professores se apoiaram em suas familiaridades, partindo dos métodos conhecidos para as indicações dos colegas e das coordenações, fazendo uma evolução

gradativa e com consciência do processo, experimentando, adaptando e se adequando aos caminhos.

4.2.4 Prática instrumental, exercícios, acompanhamento e orientação

As aulas dos professores foram sendo divididas e organizadas conforme o desempenho e predisposição dos alunos, e dessa maneira os professores foram ajustando as quantidades de aulas semanais e ajudando os alunos a se organizarem a partir das experiências que eles tiveram inicialmente do ensino remoto, prática essa abordada por Barros (2020):

Não há uma uniformidade nas soluções, plataformas e protocolos de ensino remoto emergencial nas diferentes instituições educacionais. Observando o cenário, minha sugestão vem no sentido de que o profissional docente observe o contexto na qual está inserido, uma vez que ensinar exige a apreensão da realidade, o conhecimento das diferentes dimensões que caracterizam a essência da prática, e daquilo o que pode tornar o profissional mais seguro em seu próprio desempenho (Barros, 2020, p. 07).

O professor A, ministrava aula uma vez por semana, com conteúdo focado para a semana, pensando em um trabalho focalizado e um desenvolvimento progressivo. O acompanhamento e as orientações eram feitas com devolutivas das atividades, em outro dia estipulado para tal, ou antes, caso os alunos quisessem.

Os alunos poderiam apresentar o conteúdo que lhes foi passado para estudar durante a semana, através da gravação da execução dos exercícios ou na aula. Tinham ainda os que gravavam os exercícios, sejam os conteúdos de percepção ou de instrumento e após as observações feitas pelo professor, estudavam para apresentar um resultado melhor durante a aula. Os alunos ainda poderiam tirar dúvidas a qualquer momento no grupo de comunicação da banda ou na conversa privada com o professor A.

O professor B, trabalhou utilizando aplicativo de mensagem como uma ferramenta não só de comunicação, mas diretamente como uma sala de aula (Marques; Santos, 2021). Ele gravava aulas curtas de prática instrumental e encaminhava por esses mecanismos, onde os alunos tinham acesso aos vídeos para assistir uma explicação, execução de um exercício ou ambas as opções.

“Os alunos tinham acompanhamento e orientações três vezes na semana: a gente foi nessa caminhada, fazia dessa forma aí, duas vezes na semana e no

sábado” (Professor B, 2020, p. 07). Tais atividades se davam pelos mecanismos citados, em conversa ou vídeo-chamada, e com o dia do sábado separado para a aula síncrona, onde eram apresentados novos conteúdos e tirado dúvidas. Quando esta aula era em conjunto, abordavam assuntos e práticas que coubessem ao coletivo.

É entendido que os professores, nos seus processos de maneira consciente ou inconsciente, buscaram desenvolver suas atividades e culminaram com um ponto destacado por Barros (2020, p. 07): “De tal modo, os docentes devem procurar compreender a funcionalidade dos protocolos e plataformas adotados e como estes se aproximam de suas ideias e conteúdos musicais, tornando possível a proposição de atividades.

4.2.5 Os meios e recursos utilizados

A cada momento vivenciado, o indivíduo passa por processos que geram aprendizagem de habilidades e competências desenvolvidas através dessas experiências. Neste período de Ensino Remoto Emergencial, eles tiveram que passar por momentos que eram pouco familiares ou em alguns casos nada familiares e no caso da relação professor-aluno, destaca Barros (2020):

Estes indivíduos aprenderam a lidar com as tecnologias digitais ao longo de suas vidas adultas, o que faz com que os seus “sotaques” sejam sempre percebidos, tais como “o acesso à internet para a obtenção de informações, ou na leitura de um manual para um programa ao invés de assumir que o programa nos ensinará como utilizá-lo” (Prensky, 2001, p. 2) (tradução nossa). Em contraste, os alunos seriam Nativos Digitais, indivíduos que já nasceram em meio às revoluções tecnológicas do século XXI (Barros, 2020, p. 06).

Foram vários os obstáculos a partir do início de ensino remoto, desde se reinventar enquanto professor(a), que atuava presencial com vários alunos em sala, a atuar em frente a tela do computador com poucas câmeras ligadas, além de todas as questões de domínio da tecnologia: *hardwares*, *softwares*, plataformas e aplicativos que foi necessário dominar para conseguir passar por este momento. Quantas habilidades e competências não desenvolveram e/ou puseram em prática? Foram muitas as aprendizagens e para evidenciar tal ponto podemos relembrar a

fala de Hash (2020) que os professores entraram no modelo online com pouca ou nenhuma experiência.

Os professores foram conduzindo o processo a partir do conforto do conhecido para começar a desbravar os caminhos do ensino remoto e o que ele pode oferecer ou requerer, no decorrer do ensino. Ambos começaram pela utilização do WhatsApp, que serviu como aplicativo base para o processo de ensino aprendizagem.

O Professor B utilizou o WhatsApp para encaminhar mensagens de avisos, como sala de aula, e banco de dados. Através do aplicativo o professor lecionou as aulas, quando era algo destinado até o limite máximo que o aplicativo permite (oito pessoas), como destacado por ele:

As filmagens e WhatsApp foi o que nos manteve vivos e tudo era pelo WhatsApp, não teve nenhum outro programa, assim, que a gente utilizou. As reuniões eram via WhatsApp e quando ficava pesado, que não estava dando para fazer, aí a gente ia no Meet, no Google Meet e fazia a transmissão e utilizava os vídeos por ali também” (Professor B, 2022, p. 08).

Pelo WhatsApp ele encaminhava as atividades por escrito como também link dos vídeos que publicava no YouTube das aulas de teoria, percepção e prática instrumental, quando os vídeos não eram suportados pelo aplicativo.

Além de lançar o vídeo diretamente no aplicativo, o WhatsApp também foi o meio pelo qual os alunos faziam a devolutiva das atividades. Sobre as capacidades desta ferramenta, alerta Barros (2020):

Porém, é preciso lembrar que as ferramentas de mensagem instantânea apresentam um limite no tamanho dos arquivos enviados, em especial, os com formato em vídeo, áudio ou foto. Dessa forma, o professor deve ficar atento ao tamanho e duração dos vídeos e áudios compartilhados (Barros, 2020, p. 07).

Para gravar as aulas o professor utilizou o aplicativo Wecam, no qual dispõe de poucas ferramentas na versão gratuita, mas o suficiente para o professor gravar e editar seu material para as aulas.

Podemos observar a recorrência que foi a necessidade de apoio dos professores de uma estrutura tecnológica melhor, que demorou a chegar. Vale salientar que em decorrência dessa demora, um dos professores, sensibilizado com a situação dos alunos, chegou a por crédito no celular do aluno para que o mesmo tivesse como assistir a aula e cumprir com as atividades, como relatado o Professor B (2022), “Alguns não tinham, tinham o aparelho, mas aí não tinha internet, aí eu

mandava o bônus, ele colocava lá, tinha internet, aí a gente fazia”. Sobre esse ponto vale destacar a fala de Barros (2020), que fala a respeito do ponto positivo do aplicativo enquanto ferramenta, possibilitando o uso do envio de mensagens, dependendo do plano operacional, mesmo sem ter crédito.

Semelhante ao Professor B, a prática do Professor A, começou pelo WhatsApp e se direcionou para o Google Meet pelo motivo de quantidade de pessoas que podem participar em uma vídeo-chamada do WhatsApp. No entanto, o professor ainda transitou pelo aplicativo Zoom, onde a banda, professores e alunos, tiveram pouca familiaridade e identificação com o aplicativo, fazendo ir para o Google Meet, plataforma que as escolas já estavam usando: “a gente foi para o zoom, outra plataforma que a gente tentou usar, mas aí tinha a questão de limite, até que a gente chegou ao Google Meet, foi que a gente se adaptou melhor” (Professor A, 2022, p. 07).

As plataformas apresentadas aqui fizeram grande diferença no processo de ensino remoto e sobre suas utilidades comenta Barros (2020):

Boa parte das plataformas de videoconferência - Zoom, Skype, Google Meet - apresentam o recurso de compartilhamento de tela e de áudio. Essa funcionalidade contribui bastante para o trabalho do professor, permitindo a apresentação de vídeos, slides, fonogramas e até oportunizando a execução musical conjunta, apesar da separação física (Barros, 2020, p. 08).

O Professor A usou como guia das aulas as apresentações em Slides, onde apresentava o conteúdo e criava jogos interativos. Ainda utilizou o YouTube como fonte de conteúdos pedagógicos, com vídeo-aulas de instrumentos, escuta ativa e apreciação de filmes do universo das bandas marciais, como “Ritmo total 1 e 2” (Professor A, 2022, p. 07).

O WhatsApp foi um caminho interessante para estreitamento dos laços, nesse período de isolamento, pois os alunos tinham abertura para procurar o professor para tirar dúvidas, através de mensagem direta ou no grupo da banda. Segundo o Professor A (2022), havia ainda o “dia da dúvida”, nas quintas-feiras, a terça-feira, o dia das aulas pelo Google Meet e a quinta-feira determinada como dia de aula, porém servindo para tirar dúvidas ou ter interação dos alunos com o professor e entre si (Professor A, 2022, p. 07).

Os professores entendem que o uso dessas plataformas foram fundamentais

para desenvolver o processo de ensino e aprendizagem, buscando de várias maneiras conseguir com que os alunos se sentissem acolhidos e motivados para continuarem os estudos, de tal forma que migraram de plataformas, deixavam o seu meio de comunicação a disposição dos alunos como também chegaram a fazer esforço financeiro para auxiliar os alunos, como já abordado.

4.3 Pontos de chegada e de futuro

4.3.1 Resultados

Durante os processos de ensino e aprendizagem são gerados os produtos das experiências e atividades, os nossos resultados finais dos desenvolvimentos das aulas. Convém destacar que vale mais ater-se aos processos, para um melhor desenvolvimento, do que manter o foco no produto. Uma vez que se foca em produzir som, por exemplo, qualquer som produzido já é satisfatório, mas ao colocar o foco em como se produz o som, está mirando nos processos aos quais a prática lhe impõe e assim a satisfação vem ao conseguir êxito na técnica, que resultará em um produto satisfatório.

Mediante as vivências acontecidas durante esses dois últimos anos de pandemia, os professores junto aos alunos desenvolveram atividades e práticas que geraram resultados culminantes desses processos e estaremos observando eles aqui sem caracterizá-los como algo positivo ou negativo, sendo apenas resultados.

Dentre os trabalhos desenvolvidos, temos alguns resultados que chamarei de concretos e outros que chamarei de abstratos. Tivemos resultados obtidos pelos dois professores, contando com semelhanças e diferenças. Os Professores trabalharam com os seus alunos não apenas as matérias apresentadas aqui e que fazem parte do ensino em sua banda. Eles trabalharam uma das premissas das Escolas Cidadãs Integrais, o protagonismo²⁹, incentivando os alunos a serem participativos e a liderarem as atividades.

Nesse período de dois anos, esses alunos geraram resultados concretos, como vídeos e atividades, onde constavam os desenvolvimentos da prática instrumental e

²⁹ Ser o ator principal de sua história, sendo um aluno destaque que é atuante no âmbito escolar.

suas capacidades de percepção e teoria musical, através dos estudos de instrumento, repertórios, solfejos e a escrita de partitura.

No âmbito abstrato os alunos agiram como agentes multiplicadores, onde nesses últimos dois anos, o professor tem os preparado para serem os pilares de sustentação desse reinício da banda, onde os mesmos motivam seus colegas a participarem da banda, como também auxiliam o professor no processo de ensino aprendizagem, uma vez que agora, os alunos mais avançados tornam-se os “professores” que chamamos de chefes de naipes³⁰ (Professor A, 2022, p. 08; Professor B, 2022, p. 10).

De forma semelhante ao Professor B, o Professor A, conseguiu também desenvolver o trabalho, com resultados bem equiparados, com alguns acréscimos. Das práticas desenvolvidas, surgiu um grupo de estudos, liderado por uma aluna que tomou a iniciativa. O grupo está ativo até os dias em que este trabalho está em construção, como aborda o Professor A (2022, p. 08), “Hoje eles têm um grupo de estudos deles. A iniciativa partiu de uma aluna de trombone que eu tenho, e ela criou este grupo de estudo com os meninos, e eles continuam cada dia mais se aprofundando”, mostrando um resultado concreto desses processos de ensino e aprendizagem na banda marcial do Professor A.

Além deste, é comum que as bandas marciais façam parte da vida escolar, estando presente em seus festejos, culminâncias, solenidades, esportividades e afins. Uma das práticas comuns na maioria é o concerto de final de ano, onde o repertório abordado tem um cunho mais natalino e de festividade do que o clássico repertório de Dobrados militares, Marchas ou até as obras para campeonatos.

Pensando nisso, o Professor A, na metade para o final do ano, começou a preparar um repertório contado com 2 a 3 músicas, para gravar um vídeo-concerto de fim de ano. O repertório foi trabalhado inicialmente *online*, alguns ensaios presenciais perto das gravações, feitas dentro do âmbito escolar, com autorização da gestão e seguindo os protocolos de biossegurança no período, sendo eles: as distâncias de um metro e meio a dois metros, uso de máscara, equipamento de partitura e estantes não compartilhados e processo de gravação em ambiente aberto. A gravação foi feita ao ar livre contando ainda com higienização dos

³⁰ Alunos que lideram um naipe de instrumentos, auxiliando o professor nas atividades da banda.

instrumentos e pessoas no local, além do uso da máscara, exceto pelos alunos que tocavam instrumentos de sopro, na hora do uso do instrumento.

Além desta prática, os trabalhos *online* permitiram que a banda marcial do Professor A fizessem duas apresentações ao final do ano letivo de 2021. Sendo uma num encontro de bandas no Bairro do Cristo Redentor, situado em João Pessoa, e outra em um evento da Secretaria de Educação do município, entendendo que agora essas práticas estavam dentro dos protocolos e leis que os permitissem.

Nas vivências abordadas aqui, ficou constatado que os professores entendem que as aprendizagens geraram frutos que perpetuam até os dias atuais, e que continuarão no meio das bandas abordadas, que são as práticas de reuniões *online*, utilizadas pelos professores até em outras áreas de atuação. Eles também relatam que continuaram usando slides e demais programas, mesclando a aula presencial com o uso da tecnologia.

Além dos resultados das práticas de todos os processos apresentados até aqui, são gerados agregados a esses os resultados das reflexões, concepções e pensamentos aos quais todo esse fenômeno de vivência em que os professores e alunos estão ligados, aconteceu. De maneira semelhante, embora apresentando trajetórias e alguns resultados diferentes, os professores entendem que todos os esforços de aprendizagem, dedicação à vida do próximo, sendo esse próximo, os alunos, foram pensados para o longo prazo.

Dentro das limitações os professores entenderam até onde poderiam ir, cada um dentro de suas possibilidades. O professor A montou um concerto por que se tinha a possibilidade e ele entendia que faria bem ao aluno começar algo presencial com aquele estímulo. Foi algo entendido por ele, que faria bem ao desenvolvimento dos alunos, não foi algo cobrado por coordenações.

O Professor B, teve algumas limitações a mais, sendo inclusive o quantitativo do alunado uma das questões, mas mesmo assim, mirou na preparação dos alunos pensando não nas dificuldades daquele momento, mas pensando no futuro com a volta ao presencial. Vale ainda destacar uma fala dele durante a entrevista:

A gente praticou e foi isso, não teve assim, uma prática de conjunto, foi mais focado na prática individual, no crescimento individual de cada um, para que quando a gente retomasse na escola, esse individual de cada um somasse e eles agissem na escola como agentes multiplicadores e é isso que a gente está fazendo agora (Professor B, 2022, p. 10).

Então, podemos chegar aos pontos que, as concepções sobre as práticas de ensino dos professores se deram, formaram e se formataram conforme a situação em que eles se encontravam se apresentava. De início, se tinha poucas informações sobre tudo e qualquer coisa, o que os fez pensar e planejar um ensino com poucas ferramentas, apenas o necessário para passar aquele momento.

Com o avançar da pandemia e um entendimento mais abrangente sobre a seriedade da situação, a concepção de ensino se moldou à situação apresentada, fazendo com que os professores e coordenações se estruturassem e se adaptassem aquela realidade que não se tinha um final determinado.

Partindo do pressuposto em que em algum momento o presencial retornaria, os professores entendem que se capacitaram e capacitaram os alunos para esta volta, inclusive, passando repertório, mas sem intenção de produção de material digital para o público. Todo o conteúdo foi pensado para motivar os alunos a estudarem e se desenvolverem no processo, porém mirando no futuro, o presencial, que mesmo antes da volta das escolas a tal ponto, o Professor A conseguiu implementar tal feito.

4.3.2 Volta às aulas presenciais

Durante esse período de pandemia até a volta às aulas presenciais, foi um longo trajeto percorrido, onde infelizmente o Professor B perdeu o espaço físico da sala da banda, por mudanças na estrutura da escola:

Agora, por conta da transformação em integral, era comum, agora está no ensino integral, então com isso, a sala que tinha disponível para a banda, ela hoje é a biblioteca da escola. Era da banda, é uma sala de aula completa e a gente tinha computador, tinha os armários, tinha um espaço para fazer ensaio de naipe, essas coisas todas (Professor B, 2022, p. 13).

Embora isso tenha acontecido, a Coordenação de Bandas Escolares (CBE) já está prestando apoio ao professor, fazendo-o saber que em breve acontecerá a chegada de novos instrumentos:

Agora que a gente vem conseguindo ajustar horários para fazer o trabalho e a coordenação elaborou junto com a Secretaria de educação o nosso modelo de trabalho e mandou para a escola, a gestão da escola já recebeu em notificação por e-mail sobre como vai ser o trabalho (Professor B, 2022, p. 12).

Durante o período vigente de pesquisa deste, junto aos professores, coordenações e secretarias, não foi identificado quais mudanças seriam aplicadas.

Assim como a CBE, a coordenação de bandas do município prevê chegadas de instrumentos e formações de readaptação para os professores. No caso da CBE, as formações foram feitas nos meses de outubro, novembro e dezembro de 2021, com o intuito de preparar os professores para a volta às aulas, híbridas e posteriormente, presenciais.

De forma geral, nenhuma das coordenações solicita aos professores que desenvolvam atividades que gerem resultados práticos, neste primeiro momento, no que diz respeito à produtividade musical. Pelo contrário, as coordenações estão sendo sensíveis, ao buscar entender que para todos os envolvidos no processo de ensino e aprendizagem, sejam os professores ou alunos, é necessário tempo para se adaptar e desenvolver o trabalho, onde desta maneira, eles tentam apoiar da melhor maneira.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

No presente trabalho contextualizei o ensino online que aconteceu durante o período de pandemia, explicando que embora houvessem alguns modelos de ensino, o modelo que trabalhamos a fundo, neste trabalho, é o modelo de ensino remoto, ou como denominado mais precisamente, Ensino Remoto Emergencial.

Apresentei o universo de bandas marciais, contextualizando historicamente, para termos ciência de quão abrangente é esse meio, trazendo alguns teóricos e apresentando o contexto geral da sociedade onde a banda está presente, desde as bandas militares até as bandas marciais que são o nosso foco.

Observei que os processos de enfrentamento da pandemia se deram de forma geral, atingindo a todas as áreas e setores da sociedade que tiveram o seu fechamento em março de 2020, aqui no Brasil, com abertura apenas das áreas consideradas essenciais. Vimos que a solução para a continuidade das atividades de várias áreas, assim também para a área da educação, foi rumar para o ambiente *online* e neste caso começaram a utilizar o modelo de Ensino Remoto Emergencial.

Sendo a área de atuação deste trabalho a educação, apresentei os contextos do ensino remoto em geral, de educação musical e em específico o das bandas marciais, para entendermos como se deu o macro: as matérias em geral, uma área no macro da educação: educação musical e uma subdivisão de uma área: o ensino em bandas marciais, sendo esse processo no modelo de ensino remoto dado as circunstâncias e a necessidade de entender como se deu este processo em tal situação.

A respeito de compreender as concepções de professores sobre suas experiências de ensino no contexto de ensino remoto durante o período de pandemia, foi percebido que eles compreendem esse processo de ensino-aprendizagem, durante os dois anos, como algo evolutivo. Identificando que eles entenderam o ensino individual como a maneira mais adequada para o desenvolvimento do Ensino Remoto Emergencial, tomando o WhatsApp enquanto uma ferramenta de comunicação para ministração de aula, porém com a limitação de pessoas, tornando o Google Meet, uma sala de aula online.

A respeito das aulas, eles entendem que fizeram o possível ao seu alcance e que o recurso de gravar aulas foi só uma maneira de criar mais conteúdo para o

aluno ter disponível para assistir quando pudessem, já que nem sempre tinham internet.

Durante as aulas, como também agora, pós-modelo remoto, eles concebem que as aulas foram trabalhadas gradativamente, pensando no retorno ao presencial, sem cobranças de resultados concretos no *online*, meta essa que também está se sucedendo ao presencial.

Foi notado que eles atuaram neste período mediante suas possibilidades e conhecimentos, melhorando a metodologia e possibilidades de e para o ensino. Conforme se dava um passo a mais nos conhecimentos e domínio das ferramentas tecnológicas, aumenta-se assim os leques para atuar no modelo de Ensino Remoto Emergencial. Sabendo que para eles isso foi feito com êxito, mas que se tivessem um domínio maior das ferramentas como também se as formações e apoios pedagógicos relacionados ao ensino da música tivessem começado no início do período de ensino remoto, o resultado teria sido melhor.

Trabalhar durante o período de pandemia foi possível devido às várias ferramentas disponíveis para o processo de ensino *online*, independente se era pelo formato de aula síncrona e/ou assíncrona. Foi identificado, segundo eles, que as formações continuadas foram um divisor de águas nos trabalhos dos professores, mesmo não sendo inicialmente formações para o ensino de música no modelo de Ensino Remoto Emergencial. Essas formações, tanto as gerais quanto as específicas, foram de ganho para os mesmos, que continuam utilizando presentemente.

Foi um trabalho difícil conseguir compreender as concepções sobre suas práticas, em específico as acadêmicas, pois, as vivências as quais eles se submeteram foram pouco planejadas, acontecendo conforme as necessidades das situações apresentadas. Logo, ao questionar suas práticas e concepções a respeito das mesmas, percebo que eles concebem que a pandemia trouxe dificuldades e muitas perdas, sendo um período de difícil adaptação, onde as redes de conexão sociais, onlines e não *onlines*, fizeram grande diferença em todos os processos vividos durante a pandemia.

No tocante ao planejamento, a dificuldade se deu pela instabilidade das situações vivenciadas, principalmente no primeiro ano de pandemia, onde as aprendizagens ainda estavam em andamento. Para os professores, o segundo ano

de pandemia foi mais estável, devido à melhor preparação, agora sabendo lidar melhor com as tecnologias do modelo.

Atualmente, pós-pandemia, chega ser um momento intrigante, as concepções dos professores, uma vez que os mesmos concebem que o período vivido resultou em aprendizagens, como já citado ao longo deste trabalho, havendo ganhos que eles continuam utilizando, em suas aulas e aprendizagens que transpassaram as salas de aula.

Dentro desses contextos de aprendizagens, trago para cá um ponto que foi aprendizagem da pesquisa, a partir da concepção dos professores e minha em relação às vivências apresentadas por eles, a necessidade de planos emergenciais em casos de catástrofes que podemos sofrer. Tendo ficado percebido nossa fragilidade de resposta em meio a sinistros, fica aqui o alerta para o debate, e as possíveis ações necessárias sobre a criação de um sistema de respostas, para caso algo do tipo da pandemia aconteça novamente, não nos demorem tanto para tomar o prumo do caminho.

Espero que este trabalho possa ajudar aqueles que um dia precisarão de um relato e análise deste período da história da humanidade ou de alguma condição apresentada neste, como o ensino *online*, remoto ou o Ensino Remoto Emergencial.

REFERÊNCIAS

- BARATA, Lurdes. **As Epidemias e as Pandemias na história da humanidade**. News@fmul, 2020. Disponível em: <https://www.medicina.ulisboa.pt/newsfmul-artigo/99/epidemias-e-pandemias-na-historia-da-humanidade>. Acesso em: 21 jul. 2020.
- BARBOSA, Joel Luís da Silva. **Da Capô - Método elementar para o ensino individual ou coletivo de instrumentos de banda**. Belém: Fundação Carlos Gomes. 1998. Disponível em: https://www.academia.edu/42038820/DA_CAPO_M%C3%A9todo_Elementar_Para_o_Ensino_Coletivo_ou_Individual_de_Instrumentos_de_Banda. Acesso em: 10 ago. 2022.
- BARROS, Matheus. Henrique da Fonseca. Educação musical, tecnologias e pandemia: reflexões e sugestões para o ensino de música em meio à Covid-19. **OuvirOUver**, v. 16, n. 1, p. 292-304, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.14393/OUV-v16n1a2020-55878>. Acesso em: 10 ago. 2022.
- CARVALHO, Aline Panneitz de; GONÇALVES, Lilian Sobreira: Contribuição pedagógica das oficinas de banda marcial. **Educação**, Batatais, v. 7, n. 4, p. 141-159, jul./dez. 2017.
- EXPERTISE. *In.*: DICIO, Dicionário Online de Português. Porto: 7Graus, 2022. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/expertise/>. Acesso em: 04 jul. 2022.
- FÓRUM Brasileiro de Ópera, Dança e Música de Concerto. *Protocolos de Segurança Sanitária para a Prática Musical em ambiente público em tempos de pandemia de Covid-19*. **Fórum Permanente**. Disponível em: http://www.forumpermanente.org/event_pres/jornadas/jornada-da-quarentena/noticias-jornada-da-quarentena-1/protocolos-de-seguranca-produzidos-pelo-forum-brasileiro-de-opera-danca-e-musica-de-concerto. Acesso em: 20 jul. 2022.
- GARCIA CORRÊA, André; MILL, Daniel. Análise da percepção do docente virtual no ensino de música pela educação a distância. **Acta Scientiarum**. Education, v. 38, n. 4, p. 245-436, out.-dez. 2016.
- GOHN, Daniel Marcondes. A internet em desenvolvimento: vivências digitais e interações síncronas no ensino a distância de instrumentos musicais. **Revista da ABEM**, São Carlos, v.21, n.30, p. 25-34, jan.jun. 2013.
- HASH, Phillip M. Remote Learning in School Bands During The COVID-19 Shutdown. **Journal of Research in Music Education**, Illinois – USA, 2020. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/full/10.1177/0022429420967008>. Acesso em: 18 mar. 2021.

HINDEMITH, Paul. **Treinamento elementar para músicos**. São Paulo: [s.n], 1988. Disponível em:

https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/5556656/mod_resource/content/0/Livro-Hindemith-TreinamentoElementarM%C3%BAsicos-1988.pdf. Acesso em: 10 ago. 2022.

HODGES, Charles *et al.* The difference between emergency remote teaching and online learning. **EDUCAUSE Review**, [S.], 27 mar. 2020. Disponível em: <https://er.educause.edu/articles/2020/3/the-difference-between-emergency-remote-teaching-and-online-learning#fn7>. Acesso em: 21 jul. 2022.

MARQUES, G. L.; SANTOS, C. P. . WhatsApp e o ensino remoto emergencial de música: relatos e reflexões sobre uma prática de estágio supervisionado na Educação Básica. *In*: CONGRESSO NACIONAL DA ABEM, 25, 2021, Londrina, PR. **Anais** [...], Londrina, PR: ABEM, 2021. p. 1-14.

MENDONÇA, Wanessa Ferraro Morais de. **As linhas de frente das bandas marciais nas escolas do município de João Pessoa**: perspectivas para educação física. Universidade Federal da Paraíba - UFPB. João Pessoa, 2019.

MOREIRA, Marcos dos Santos. **Aspectos históricos, sociais e pedagógicos nas filarmônicas do Divino e Nossa Senhora da Conceição, do estado do Sergipe**. 135 f. Dissertação (Mestrado em Música). Programa de Pós Graduação. UFBA, Salvador, 2007.

NÓBREGA, Matheus Lopes Costa. O perfil dos regentes do Projeto de Bandas da rede municipal de ensino de João Pessoa-PB. **Revista Vórtex**, Curitiba, v.7, n.1, p.1-14, 2019.

NÓBREGA, Matheus Lopes Costa. **A cidade das bandas**: o projeto de bandas marciais da rede municipal de ensino de João Pessoa. 2018. Dissertação (Mestrado em Música). Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa, 2018.

NOGUEIRA, Wader. Linha de frente. **AMA bandas**, 2022. Disponível em: <https://amabandas.webnode.com.br/products/corpo-coreografico-por-wander-nogueira-rio-de-janeiro-jurado-da-cnbf/>. Acesso em: 21 jul. 2022.

OLIVEIRA, Elida. Percentual de alunos desmotivados em estudar na pandemia chega a 54% em setembro. **G1**, 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/educacao/noticia/2020/11/09/percentual-de-alunos-desmotivados-em-estudar-na-pandemia-chega-a-54percent-em-setembro-diz-pesquisa.ghtml>. Acesso em 19 jul. 2022.

PENNA, Maura. **Construindo o primeiro projeto de pesquisa em educação e música**. 3. ed. ampl. rev. Porto Alegre: Sulina. 2020.

PRODUTO. Conceito de produto. **Conceito.de**, 2012. Disponível em: <https://conceito.de/produto>. Acesso em: 10 jul. 2022.

PROFESSOR A. Professor A: entrevista [05/05/2021]. Entrevistador: Almiros Guilherme de Medeiros. João Pessoa: Universidade Federal da Paraíba, 2022. Áudio (50 min 26 seg).

PROFESSOR B. Professor B: entrevista [19/05/2022]. Entrevistador: Almiros Guilherme de Medeiros. João Pessoa: Universidade Federal da Paraíba, 2022. Áudio (48min 50seg).

SÁ, Gazzi Galvão de. **Musicalização**: método Gazzi de Sá. Rio de Janeiro: [s.n], 1990. Os Seminários de Música Pró-Arte. Disponível em: [SÁ, Gazzi de. Musicalização -Baixar pdf de Doceru.com](#). Acesso em: 10 ago. 2022.

SANTOS, Gabriela Kívia dos. **Banda marcial de Gurinhém-PB**: trajetória e trabalho pedagógico a partir da voz do fundador. Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa, 2020.

SENA, Gilvanildo de Aquino. **O ensino e aprendizagem de música na Banda Marcial Padre Nicola Mazza**: um estudo com os alunos egressos. 110 f. Dissertação (Mestrado em Música), Programa de Pós-Graduação em Música. João Pessoa, 2016.

SILVA, Thallyana Barbosa da. **Banda marcial Augusto dos Anjos**: processos de ensino aprendizagem musical. 154f. Dissertação (Mestrado em Música) – Programa de Pós-Graduação em Música, UFPB, João Pessoa-PB, 2012.

SOUND cara. *Microfones - Tipos e padrões de captação*. *YouTube*. 2015. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=4mss8f2HMmA&t=9s>. Acesso em: 28 jun. 2022.

UXNON. O que é uma interface? *YouTube*. 2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=BD4Cnl2Zc1s>. Acesso em: 28 jun. 2022.

TOBIAS, Evans. 21st century musicianship through digital media and participatory culture. In: KASCHUB, Michelle.; SMITH, Janice. (Eds.). **Promising practices in 21st century music teacher education**. Oxford: Oxford University Press, 2014. p. 205-226.

TACUCHIAM, Ricardo. Bandas anacrônicas ou atuais. **Art**, Revista da Escola de Música e Artes Cênicas da UFBA, Salvador, n. 4, p. 59-77. 1982.

APÊNDICE

Entrevista Semi-estruturada - Professores:

As perguntas têm como foco as dimensões concretas das experiências vividas. Na condução da entrevista, é importante buscar sempre o diálogo com o entrevistado no sentido de estar atento e/ou solicitar suas concepções sobre o que está relatando.

Contexto

1 Dados Base

1.1 - Nome do entrevistado?

1.2 - Nível de escolaridade?

1.3 - Qual foi o tipo de formação?

1.4 - Qual escola lecionava antes da pandemia? Continua lá? É/Era professor da entidade a quanto tempo?

1.5 - Qual a faixa etária dos alunos? Qual o ensino - Fundamental 1 ou 2 ou Ensino Médio?

1.6 - Quantos componentes se tinha em média?

1.7 - Há quanto tempo os alunos estão na banda (Alunos que entraram antes, durante e após o ensino remoto)?

1.8 - Quais instrumentos eram ensinados na banda?

1.9 - Os alunos já tinham algum conhecimento ou experiência musical prévia?

2 - Como funcionava o ensino:

2.1 - Era prático, teórico ou os dois?

2.2 - Houve ensino individual?

2.3 - Houve ensino em naipe?

2.5 - Acrescente algo a mais sobre o ensino da banda?

3 - Quais eram as referências para o processo pedagógico:

.1 - Houve livros referências para o processo?

.2 - Houve Metodologias de referência? (Se espelhou em algum teórico ou algum conceito)

3.3 - Houve materiais base de estudo para os alunos - Métodos - Livros - Audiobooks - Vídeos do youtube?

3.4 - Formações continuadas das Secretarias de Educação?

3.5 - Formação continuada das coordenações de bandas?

4 - Da prática:

4.1 - Como aconteciam as práticas dos alunos durante as aulas?

4.2 - Eles tinham exercícios para fazerem sem o professor, “tarefa de casa”?

4.3 - Como acontecia o acompanhamento dessas práticas realizadas em casa?

4.4 - Como eram feitas as orientações durante as aulas e das práticas de casa?

5 - Quais os meios:

.1 - Como funcionaram as aulas?

.2 - Usou algum programa/aplicativo de exercícios musicais durante o processo?

5.3 - Usou algum software para se comunicar com os alunos?

5.4 - Utilizou software para videoaula?

6 - Resultados:

6.1 - Qual foi a evolução nos conteúdos teóricos de teoria musical e as discussões de instrumentos ?

6.2 - Qual foi o resultado prático? Houveram vídeos individuais? Houveram vídeos em grupo? Os alunos tocaram alguma obra ou estudo?

6.3 - Os alunos permaneceram no projeto pós fim do ano letivo remoto?

7 - Período de readaptação:

.1 - Quais estão sendo as orientações passadas da Secretaria para os professores?

.2 - Houve ou irá acontecer alguma formação de readaptação?

.3 - Como estão as estruturas das bandas, neste momento?

.4 - O que a CBE/Coordenação do município espera dos professores e do projeto nesta retomada?